

Chapa quente

Haja turfa pra tanto fogo

Oito brigadistas encardidos descansam à sombra de uma rocha, largados com jalecos e utensílios de combate a incêndios florestais, no bucólico Barro Branco, a cinco quilômetros de Lençóis, Bahia. Comentam o poder nuclear do ISIS e o uso de drones pelos EUA na Síria – um bombardeio matou quatro soldados sírios na segunda-feira, 7 de dezembro de 2015.

“Já estão nos chamando por aí de talebans do fogo”, diz um deles. “Vão mandar a gente pra Austrália”, completa outro. Na seca do sertão, o grupo enfrenta o vigésimo sexto dia de uma guerra que atingiu, com uma série de combustões suspeitas, algo entre 5% e 10% do Parque Nacional da Chapada Diamantina, que tem 152 mil hectares.

Recostado nos cotovelos, com os olhos muito vermelhos, o presidente da Brigada de Resgate Ambiental de Lençóis (Bral), o argentino Augusto Galinares, avista uma lufada de fumaça no horizonte. “Olha o fogo crescendo ali, *xente!*”, alerta com o sotaque portenho. Em prontidão militar, os homens preparam-se para uma nova investida.

Avançam por um caminho devastado pelas chamas entre pedras, valas e grunhas, onde há muitas bromélias e orquídeas incineradas. Uma coruja intoxicada pelo CO₂ e coberta de fuligem cambaleia no difícil percurso. “Isso aqui é um desastre da mesma proporção de Mariana [o rompimento da barragem da Vale na cidade mineira em 2015]”, especula um brigadista.

O guia turístico Anísio Santos faz a retaguarda de Galinares quando o grupo alcança a linha inimiga, a 500 metros do ponto de partida. Com as bombas d’água vazias, a refrega continua na base da foice e enxada. “Tudo nosso, tudo nosso! Vamos pegá-lo pela frente!”, conclama o presidente da Bral.

Os dois combatentes atacam repetidas vezes a fileira de arbustos incandescentes, arrancando o mato e revolvendo a terra na tentativa de apaziguar as labaredas, que emanam bafos de ar quente. Superaquecido, o chefe da brigada joga-se de cara no chão, onde permanece imóvel por alguns minutos. “Um abafador aqui! Abafador!”, grita.

O brigadista Gleisson Oliveira prontifica-se com a pá de borracha, mais eficaz que ferramentas agrícolas no combate, eliminando o fogacho com pancadas surdas nas raízes. No céu sem nuvens, o ronco dos *air tractors* enviados por Salvador é constante. Os aviões sobrevoam a área lançando 3,8 mil litros de água a cada rasante. “Eles estão ficando bons”, comenta Galinares, “passam cada vez mais perto”.

As aeronaves consumiram a maior parte dos recursos destinados pelo governo baiano à região turística para combater o incêndio florestal. Segundo o secretário estadual do Meio Ambiente, Eugênio Spengler, os gastos do

programa Bahia Sem Fogo foram de R\$ 10 milhões em dezembro, durante um mês de operação.

O reforço dos bombeiros chegou limpo e descansado, depois de um almoço na BR-242, trazendo água gelada e bombas costais cheias para o Barro Branco. Pousaram de helicóptero em algum lugar próximo e foram andando até a linha do fogo, em quartetos, num contingente de doze homens. Após juntar-se aos brigadistas, dois deles pararam para tirar uma selfie em ação.

“Apagar incêndio nesse sol é fogo”, desabafa um militar, despertando julgamentos. “Não dá pra gente ficar carregando esses potrosos”, esbraveja o vice-presidente da Bral: “Somos defensores da natureza, temos um nome a zelar. A brigada levou anos para chegar até aqui.”

Formada em 2005 após uma ruptura com outro grupo de brigadistas, a Bral reúne 16 membros (guias turísticos, em sua maioria) com o lema “atitude, companheirismo e determinação”. Sua atuação no combate a incêndios é uma referência para grupos semelhantes que atuam nos 24 municípios da Chapada Diamantina, sete deles situados nas fronteiras do parque nacional.

A gritante indisposição dos brigadistas lençoenses com os bombeiros é uma marra antiga, assim como o sentimento de abandono que os voluntários têm em relação ao Estado. Neste ano, contudo, algo mudou. “Começamos uma política de aproximação, criando um corpo técnico para se relacionar com o governo”, conta Galinares.

Desde o início da operação, em novembro, representantes da Bral e dos bombeiros passaram a se reunir diariamente para discutir estratégias de combate. “Em vez de bater de frente, discutimos como dividir o dinheiro, os projetos e as ferramentas, tirando um pouco da força deles para usá-la à nossa maneira”, acrescenta o líder.

Isso não fez mudar de sobremaneira a visão do líder sobre o trabalho das equipes de Salvador, que desconhecem as trilhas rochosas da Chapada Diamantina. “Se o governo nos ajuda mais enviando bombeiros ou equipamentos? Equipamentos, claro!”

Numa conversa por telefone, o comandante-geral do Corpo de Bombeiros da Bahia, Francisco Luiz Telles, parecia bastante satisfeito com o resultado da operação. “Conseguimos nos articular com as brigadas”, afirmou.

Uma das características dos incêndios na Chapada Diamantina é que eles costumam ser contidos durante a noite, quando as temperaturas caem e o ar fica mais úmido, mas ressurgem conforme o sol desponta – por isso o combate deve ser diurno. Isso se deve às turfas, matéria orgânica acumulada entre as pedras que constitui um poderoso combustível vegetal.

O “fogo de turfa” consiste em chamas persistentes, que duram vários dias, às vezes até semanas, como se viu no combate que durou 40 dias na região. Às 15h30, os vinte homens se deparam com o dragão do Barro Branco – uma árvore com cerca de dez metros era a sua espinha dorsal.

A pira não pode ser contida com os rústicos equipamentos de que dispõem. É a *cabeça do fogo*, onde ele se alastra com mais força. O batalhão se aproxima com cautela, tentando atacar a base da “criatura”, mas parece que tudo vai explodir. Os arbustos de pela-porco e rabo-de-raposa, típicos da cobertura vegetal do vilarejo, são altamente inflamáveis, e a epiderme arde mesmo para quem está a uns dez metros das chamas.

“Olha a reigitação!”, alguém grita no meio da fumaça. Os brigadistas e bombeiros recuam, desconcertados. Para o alívio geral, não demora para que um *air tractor* passe raspando e promova uma chuva sobre o foco de incêndio. Então eles pulam sobre a fuligem e dão cabo das brasas.

Um arco-íris se forma na clareira abafada sob os respingos da descarga hídrica do avião. Em seguida, uma fumaça quente e irrespirável envolve a todos, fazendo os olhos lacrimejarem. Os bombeiros passam a fazer o rescaldo, lançando jatos d’água sobre o terreno incendiado para evitar novas ignições.

Em clima de missão cumprida, o batalhão para para descansar numa área coberta por árvores. Há um momento fotográfico em que brigadistas e bombeiros se juntam para um registro de boa vizinhança, confraternizando com lanches, frutas e suco, em meio ao voo de borboletas e um colibri.

A preocupação de Galinares, agora, é com as turfas, que podem reacender. O plano é fazer um aceiro (canaletas em torno da região queimada) para conter o provável retorno do incêndio no dia seguinte. “Alguém pode enviar um fax para Lençóis?”, brinca.

Apesar do clima descontraído, a floresta ainda crepita. Ninguém sabe ao certo o real motivo dos incêndios. “Antigamente, eram os caçadores, garimpeiros de diamantes e pecuaristas. Hoje, do meu ponto de vista, o fogo tem muito mais a ver com *xente* vingativa, *xente* com problemas mentais... piromaníacos mesmo”, sugere o presidente da Bral.

(reportagem originalmente escrita para a revista **piauí** — dezembro de 2015)